



O que o Novo Testamento ensina sobre a Grande Apostasia?

“Ninguém de maneira alguma vos engane; porque aquele dia não virá sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição”.

2 Tessalonicenses 2:3

O conhecimento

Em 1820, enquanto Joseph Smith orava no Bosque Sagrado, ele viu Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo. Joseph, que se esforçava para saber onde poderia encontrar a igreja verdadeira, perguntou aos personagens divinos “qual de todas as seitas estava certa (pois até aquele momento jamais me ocorrera que todas estivessem erradas) e a qual me unir” (Joseph Smith-História 1:18). A resposta que Joseph recebeu o surpreendeu e iniciaria sua preparação como profeta: “Foi-me respondido que não me unisse a qualquer delas, pois estavam todas erradas; e o Personagem que se dirigia a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação a sua vista” (Joseph Smith-História 1:19). Por causa disso, Joseph

Smith seria chamado por Deus para restaurar Sua Igreja na Terra.

A crença na Grande Apostasia é fundamenta para os ensinamentos dos santos dos últimos dias, que houve um verdadeiro afastamento do evangelho como originalmente ensinado por Jesus Cristo e Seus Apóstolos, portanto, uma restauração foi necessária. Embora isso possa parecer uma afirmação ousada, uma análise mais detalhada do Novo Testamento mostra que os apóstolos sabiam da apostasia vindoura e advertiram extensivamente a Igreja contra os falsos mestres que viriam em seu rastro.

A palavra apostasia vem do grego *apostasia*, que literalmente significa “rebelião” e no Novo Testamento conota um povo que se rebela contra Deus.¹ No entanto, o significado desta palavra é, infelizmente, muitas vezes disfarçado nas traduções inglesas. Por exemplo, a versão do King James de 2 Tessalonicenses 2:3 traduz a apostasia como “falling away”, ou seja, “apostasia”: “Let no man deceive you by any means: for that day shall not come, except there come a falling away first, and that man of sin be revealed, the son of perdition” (“Ninguém vos engane de maneira alguma, pois aquele dia não virá sem que primeiro venha [a apostasia] e que o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”). Embora nem sempre seja clara nas traduções da Bíblia, a conotação de apostasia como rebelião contra Deus é claramente descrita no Livro de Mórmon (ver 3 Néfi 6:18; 4 Néfi 1:38).

Noel B. Reynolds apontou que, à luz das evidências do Novo Testamento e com base no significado de apostasia como “rebelião”, é um mito que “a apostasia ocorreu por causa da perseguição externa”. Em vez disso, o Novo Testamento descreve sistematicamente a apostasia vindoura como uma rebelião interna dos membros da Igreja primitiva contra Deus e seus líderes escolhidos, uma rebelião que se tornou cada vez mais proeminente à medida que os apóstolos escreviam intensamente na esperança de que as comunidades se arrependessem.

Por exemplo, quando Paulo estava voltando para Jerusalém de sua terceira viagem missionária, ele advertiu os líderes de Éfeso: “Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão entre vós lobos cruéis, que não pouparão o rebanho. E que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si” (Atos 20:29-30). Embora os santos de Éfeso não fossem estranhos à perseguição do mundo greco-romano (ver Atos 19:24-41), Paulo estava muito mais preocupado que os santos de Éfeso permanecessem leais ao Senhor e a seus convênios. Além disso, muitas das epístolas de Paulo foram escritas, em parte, para corrigir crenças e atitudes falsas que estavam surgindo em várias igrejas, assim como ele havia previsto.

Pouco antes de ser executado sob o comando de Nero, Paulo advertiu Timóteo de que a rebelião profetizada estava próxima, pois muitas igrejas que Paulo estabeleceu haviam abandonado ele e o evangelho:

“[Q]ue os que estão na Ásia todos se afastaram de mim, entre os quais estavam Figelo e Hermógenes” (2 Timóteo 1:15). Essa rebelião chegou até mesmo a alguns dos missionários mais confiáveis de Paulo: “Demas me abandonou, amando o mundo presente, e foi para Tessalônica; Crescente, para Galácia; Tito, para Dalmácia. Só Lucas está comigo” (2 Timóteo 4:10-11).

Infelizmente, essa rebelião contra o evangelho só pioraria, pois “virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, conforme as suas próprias concupiscências amontoarão para si mestres; E desviarão os ouvidos da verdade, e se tornarão às fábulas” (2 Timóteo 4:3-4). Até mesmo o próprio Jesus Cristo profetizou a apostasia da Igreja do Novo Testamento, como na parábola do trigo e do joio, que sem dúvida influenciou a maneira como seus apóstolos elaboraram suas mensagens.

O conceito de apostasia como rebelião contra o Senhor, tem raízes profundas na tradição judaica e cristã. De fato, como James E. Faulconer observou, tanto “a fidelidade a Deus quanto a apostasia Dele são frequentemente mencionadas em termos de convênio [em todo o Velho Testamento]. Ser fiel é guardar o convênio; apostatar é violar o convênio”. Além disso, na Septuaginta grega, a palavra apostasia é usada para descrever idolatria e abandono ao Senhor. Da mesma forma, a mesma palavra é usada para descrever o divórcio, especialmente quando o casamento foi usado como uma metáfora para o convênio de Deus com Israel. Os primeiros textos cristãos também descrevem a apostasia como uma corrupção dos líderes do sacerdócio e uma rejeição das ordenanças e convênios. Assim, a apostasia marca a perda de convênios e autoridade do sacerdócio que só podem ser restaurados por meio de um profeta de Deus.

O porquê

Embora seja evidente que os apóstolos do Novo Testamento conheciam e advertiam os outros sobre a apostasia iminente, eles sabiam que este não era o fim da história. Como Pedro disse aos santos em Jerusalém, “até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio do mundo” (Atos 3:21). Essa restituição de todas as coisas foi

iniciada por Deus Pai e Jesus Cristo por meio do Profeta Joseph Smith.

Como Faulconer explicou: “Não podemos entender o significado da apostasia para os cristãos do Novo Testamento, sem compreender que incluiu a perda do templo e, portanto, do sacerdócio, pois, em última análise, a rebelião da apostasia envolve o rompimento da relação de convênio com Deus, uma relação manifestada através do sacerdócio, por estar na presença de Deus”. Uma parte importante da Restauração consistiu em restaurar os convênios e templos, fornecendo assim um curso corretivo para essa rebelião que corrompeu muitas das doutrinas e crenças dos primeiros cristãos. Os convênios são essenciais para o evangelho de Jesus Cristo e nos permitem ficar mais próximos de nosso Salvador e mais parecidos com Ele.

Leitura complementar

James E. Faulconer, “The Concept of the Apostasy in the New Testament”, em *Early Christians in Disarray: Contemporary LDS Perspectives on the Christian Apostasy*, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 2005), pp. 133–162.

Noel B. Reynolds, “Appendix C: New Testament Evidences and Prophecies of Apostasy in the First-Century Church”, em *Early Christians in Disarray*, pp. 355–369.

Kent P. Jackson, “New Testament Prophecies of Apostasy”, em *Sperry Symposium Classics: The New Testament*, ed. Frank F. Judd Jr. e Gaye Strathearn (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University; Salt Lake City: Deseret Book, 2006), pp. 394–406.

Tad R. Callister, *The Inevitable Apostasy and the Promised Restoration* (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2006), pp. 24–49.



© Central do Livro de Mórmon, 2023

Notas de rodapé

1. Ver James E. Faulconer, “The Concept of the Apostasy in the New Testament”, em *Early Christians in Disarray: Contemporary LDS*

Perspectives on the Christian Apostasy, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies [FARMS], 2005), pp. 133–134.

2. É interessante notar que alguns cristãos do século II reconheceram o estado da Igreja após a morte dos apóstolos. Por exemplo, citando este versículo, Cirilo de Jerusalém observou: “Então Paulo escreveu, e agora é a apostasia. Porque os homens se afastaram da fé correta [...] E os hereges eram manifestos antes; mas agora a Igreja está cheia de hereges disfarçados”. Cyril of Jerusalem, *Catechetical Lectures* 15: p. 9.
3. Noel B. Reynolds, “Introduction: What Went Wrong for the Early Christians?”, em *Early Christians in Disarray*, p. 7.
4. Para obter uma lista e uma breve análise de mais de quarenta passagens do Novo Testamento que discutem a apostasia da Igreja Cristã primitiva, consulte Noel B. Reynolds, “Appendix C: New Testament Evidences and Prophecies of Apostasy in the First-Century Church”, em *Early Christians in Disarray*, pp. 355–369.
5. Para obter uma lista de passagens relevantes das epístolas de Paulo, consulte Reynolds, “Appendix C: New Testament Evidences”, pp. 360–366.
6. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “O que a parábola do trigo e do joio ensina sobre a apostasia? (Mateus 13:24–25)”, *KnoWhy* 660 (3 de março de 2023); John W. Welch e Jeannie S. Welch, *The Parables of Jesus: Revealing the Plan of Salvation* (American Fork, UT: Covenant Communications, 2019), pp. 60–67, 148–151.
7. Ver, por exemplo, Mateus 24:5, 24, em que Jesus adverte sobre falsos profetas e falsos cristos que enganariam muitas pessoas. Também é provável que a apostasia tenha sido uma questão fundamental no ministério de quarenta dias de Jesus. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “O que Jesus poderia ter ensinado a seus apóstolos durante quarenta dias? (Atos 1:3)”, *KnoWhy* 678 (7 de julho de 2023). Alguns intérpretes alegaram erroneamente que a entrega das chaves de Pedro por Jesus, conforme registrado em Mateus 16:18, prova que Jesus ensinou que não poderia haver apostasia. No entanto, quando lidas em seu contexto adequado, as portas do inferno se referem especificamente aos domínios dos mortos — então Jesus ensinou que a autoridade do sacerdócio dada aos apóstolos seria fundamental na obra de salvação dos mortos por meio de ordenanças por representação (ver Mateus 16:19). A ideia de que as portas do inferno se referiam ao poder e domínio de Satanás (o que levou à interpretação de que Jesus prometeu que a Igreja não seria vencida pela apostasia) é uma adição tardia ao texto que seria totalmente estranha à Igreja do Novo Testamento. Para uma discussão detalhada das portas do inferno neste contexto, ver Hugh Nibley, “Baptism for the Dead in Ancient Times”, em *Mormonism and Early Christianity* (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1987), pp. 105–109; Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Qual é o propósito do batismo pelos mortos? (1 Coríntios 15:29)”, *KnoWhy* 687 (12 de setembro de 2023).
8. Faulconer, “Concept of the Apostasy”, p. 137.
9. Ver Faulconer, “Concept of the Apostasy”, pp. 137–138, 143–155. Exemplos de apostasia como uma descrição do abandono do Senhor incluem Josué 22:22 e 2 Crônicas 29:19.
10. Faulconer, “Concept of the Apostasy”, p. 162.